ISSN 2237-1508
PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura
Niterói/RJ, Ano 16, n. 30, jan. a dez. 2026
www.periodicos.uff.br/pragmatizes
Dossiê "Formação em organização da cultura", volume I

Formação em organização da cultura: panorama, experiências e perspectivas

Carla Daniela Rabelo Rodrigues[1]

Leonardo Figueiredo Costa[2]

Renata Rocha[3]

Apresentação do Dossiê "Formação em organização da cultura", volume I

Recebido em: 29/06/26
Publicado em: 29/10/26

[1] Doutora em Ciências da Comunicação pela da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Docente do Departamento de Artes Cênicas (CAC) da ECA-USP e do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais (PPGMPA/USP). E-mail: carladani@usp.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7076-989X.

[2] Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente da Faculdade de Comunicação e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Póscom) e Multidisciplinar em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura) da UFBA. E-mail: leocosta@ufba.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6095-2642.

[3] Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura/UFBA) e Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Práticas em Comunicação e Cultura - Mestrado Profissional (PPG-COMCULT) da UFBA. E-mail: renatatrocha@ufba.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9968-012X.

Como citar:
RODRIGUES, Carla Daniela Rabelo; COSTA, Leonardo Figueiredo, ROCHA, Renata. Formação em organização da cultura: panorama, experiências e perspectivas. *PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 16, n. 30, p. 1-10, 2026. DOI: https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v16i30.72072.

Embora seu uso seja recente, o conceito de "organização da cultura", inspirado em Antonio Gramsci, vem se consolidando nos estudos que se debruçam sobre a economia das trocas simbólicas ou o mercado de bens simbólicos, nas palavras de Bourdieu (2011), ou sobre a dimensão sociológica da cultura, conforme caracteriza Isaura Botelho (2001), tendo em vista seu caráter imanente ao sistema cultural em todas as suas manifestações e expressões. O campo da organização da cultura é, portanto, aqui compreendido em suas três dimensões constitutivas: a formulação de políticas, a gestão de processos e instituições, e a produção de projetos e eventos; tem experimentado nas últimas décadas um processo de profissionalização e institucionalização.

Como já apontado por Albino Rubim, Alexandre Barbalho e Leonardo Costa (2012, p. 127), "não existe cultura sem seu momento organizativo". Essa constatação, aparentemente simples, desdobra-se em implicações profundas para a compreensão do campo cultural contemporâneo e, especialmente, para a formação dos profissionais que atuam na mediação entre a criação artístico-cultural e sua circulação social.

Nesse sentido, conforme já constatado por Gramsci desde as primeiras décadas do século XX (especialmente entre os anos 1920 e 1930), a complexificação das atividades práticas impulsionou o desenvolvimento de escolas especializadas para formar seus especialistas e círculos próprios de cultura, que os possibilitariam "manter-se a par dos progressos que ocorrem no ramo científico próprio" (1982, p. 119). Este movimento, contudo, não tem ocorrido de forma homogênea ou isenta de tensões. Pelo contrário, a própria definição do que seja um/a produtor/a cultural ou um/a gestor/a cultural permanece em disputa, refletindo a fluidez de um campo que se constitui na interseção entre saberes acadêmicos e práticas empíricas, entre tradições artísticas e racionalidades administrativas.

A presente coletânea reúne oito trabalhos que, em suas diferentes abordagens, contribuem para iluminar facetas desse campo em constituição. A diversidade de perspectivas aqui apresentadas, abarca análises da oferta formativa no Brasil, estudos de caso sobre experiências específicas de formação e proposições teórico-conceituais, refletindo a complexidade e a vitalidade do debate sobre a formação em organização da cultura em nosso país.

Em seu conjunto, os artigos reunidos neste dossiê permitem identificar alguns eixos estruturantes dos desafios e perspectivas para a formação em organização da

cultura no Brasil contemporâneo. O primeiro eixo diz respeito à tensão entre expansão quantitativa e qualidade formativa. Os dados apresentados no panorama inicial revelam um crescimento significativo da oferta de cursos, especialmente no setor privado e na modalidade a distância. Contudo, essa expansão não tem sido acompanhada por uma reflexão sistemática sobre os parâmetros de qualidade da formação, nem por uma articulação entre a oferta educacional e as demandas efetivas do mercado de trabalho cultural. A discrepância entre vagas autorizadas e ingressos efetivos, especialmente nas instituições privadas, pode sugerir que a lógica de expansão responde mais a interesses corporativos do que a necessidades sociais concretas.

O segundo eixo refere-se à heterogeneidade institucional e pedagógica do campo. Os estudos de caso aqui reunidos evidenciam a pluralidade de modelos formativos: desde os bacharelados em universidades públicas, com sua ênfase na formação crítica; passando pelos cursos tecnológicos em instituições privadas, orientados para uma formação mais rápida e vinculada às demandas do mercado, e pelos Institutos Federais, com sua ênfase na articulação entre ensino e extensão; até as experiências que articulam saberes acadêmicos e comunitários. Essa diversidade, embora reflita a riqueza do campo, também impõe desafios para a construção de referências comuns e para a garantia de uma formação que articule competência técnica e reflexão crítica.

Por sua vez, o terceiro eixo diz respeito à relação entre formação acadêmica e saberes práticos. A maioria dos trabalhos ressalta a importância da articulação entre teoria e prática, seja por meio de projetos de extensão, práticas profissionais ou metodologias participativas. As experiências do Núcleo de Arte do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), do Festival Recanto do Cinema do Instituto Federal de Brasília (IFB) e do Consórcio Cultura Viva – que envolve a Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), em parceria com o Ministério da Cultura (MinC) –, demonstram como a formação se enriquece quando os estudantes são colocados em contato direto com as dinâmicas concretas da produção cultural, com artistas, comunidades e territórios. Ao mesmo tempo, a hegemonia das aulas expositivas e a escassez de práticas nos cursos mapeados podem indicar que ainda há um longo caminho a percorrer para que essa articulação se efetive de forma sistemática. Já a experiência do Programa Feira Preta Cria do Instituto Feira Preta é acionada como fundamento para a

proposição do conceito de "gestão escrevivente" como aporte para a formação em gestão cultural.

O quarto eixo diz respeito à necessidade de institucionalização da cultura nas instituições de ensino superior. Os trabalhos sobre os Institutos Federais (IFs) e sobre a Cultura Viva evidenciam que a consolidação da formação em organização da cultura depende não apenas de projetos pedagógicos bem concebidos, mas também de políticas institucionais que garantam recursos, infraestrutura e reconhecimento para as atividades culturais. A ausência de políticas culturais, planos de cultura e orçamentos específicos nas Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras (IPES), conforme apontado pela pesquisa do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras e do Fórum de Gestão Cultural das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras (FORPROEX; FORCULT, 2025), limita a capacidade de as instituições atuarem como agentes estruturantes da formação e da produção cultural em seus territórios.

O quinto eixo refere-se à dimensão política e contra-hegemônica da formação. Os trabalhos que abordam perspectivas afrocentradas, metodologias participativas e a formação em artes evidenciam que a formação em organização da cultura não pode ser reduzida a uma questão técnica ou administrativa. Ela é, fundamentalmente, uma prática política que envolve disputas de sentido, reconhecimento de saberes historicamente marginalizados e compromisso com a transformação social. A gestão escrevivente, a pesquisa-formação comunitária e a formação artística crítica apontam para um horizonte no qual a organização da cultura se constitui como dispositivo de fortalecimento da cidadania cultural.

O artigo que abre o dossiê, "O ensino superior no campo da Produção Cultural: um panorama das graduações no Brasil", de autoria de Alex Kossak, Alexandre Barbosa Fraga e Marco Aurélio Santana, oferece um diagnóstico abrangente da formação superior em Produção Cultural no Brasil. Com base na análise articulada das bases do Ministério da Educação e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), os autores mapeiam a configuração institucional da oferta formativa entre 2010 e 2024, evidenciando uma transformação estrutural significativa: a passagem de um eixo majoritariamente público e presencial para uma oferta crescentemente dominada por instituições privadas, cursos superiores de tecnologia e modalidade a distância.

Este movimento, como os autores demonstram, não é meramente quantitativo. A oferta, especialmente nas instituições privadas, vem evoluindo em um ritmo muito superior à ocupação efetiva das vagas, sugerindo que a lógica de expansão responde menos a demandas sociais concretas e mais a dinâmicas próprias dos grandes conglomerados educacionais. Ao mesmo tempo, a crescente oferta de cursos tecnológicos em detrimento dos bacharelados, uma tendência que excede em muito os percentuais gerais do ensino superior brasileiro, aponta para uma reconfiguração do perfil profissional esperado, com formações mais curtas e aligeiradas.

Este panorama é complementado por estudos de caso que examinam experiências formativas específicas, revelando a pluralidade de trajetórias institucionais e pedagógicas que compõem o campo. O texto "Bacharelado em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense: 30 anos de experiência", de João Domingues e Luiz Augusto Rodrigues, recupera a trajetória de um dos cursos pioneiros no país. Os autores situam o surgimento do Bacharelado em um contexto específico de convergência entre a consolidação do Departamento de Arte da UFF, a efervescência cultural da cidade de Niterói e as transformações mais amplas das políticas culturais brasileiras no período pós-redemocratização. A análise dos projetos pedagógicos sucessivos revela um processo de amadurecimento que articula três perspectivas fundamentais: as teorias da arte e da cultura, os fundamentos dos meios de expressão e o planejamento cultural.

O balanço dos 30 anos do curso, respaldado por levantamentos sobre os egressos e seus Trabalhos de Conclusão de Curso, evidencia a amplitude de atuação profissional dos bacharéis formados, que se distribuem por campos tão diversos quanto a gestão pública, a produção independente, as indústrias culturais, a comunicação e a mediação cultural, a consultoria e o empreendedorismo e a pesquisa acadêmica. Essa pluralidade, longe de indicar uma indefinição do perfil profissional, revela a transversalidade da formação e a capacidade de adaptação dos egressos às múltiplas demandas de um campo cultural em constante transformação.

Em perspectiva complementar, o artigo "A organização da cultura enquanto conhecimento e as implicações teóricas de uma área em desenvolvimento", de Mateus Anjos Castro e Leonardo Costa, propõe uma reflexão epistemológica sobre o campo. Mobilizando as categorias da Teoria do Conhecimento de Johannes Hessen e a noção de vícios epistêmicos de Quassim Cassam, os autores investigam as bases filosóficas do

conhecimento em organização da cultura. O exame dos Projetos Pedagógicos Curriculares do curso da Facom/UFBA revela a trajetória de amadurecimento de uma proposta inicial experimental (1995) para uma formação mais estruturada epistemologicamente (2019), que reconhece a organização da cultura como um saber nascido da experiência e da razão, situado na encruzilhada entre a prática e a reflexão crítica.

Já o artigo "Engenharia é cultura: formação, produção e sentidos na Engenharia de Produção em Cultura da UNIRIO", de Débora Regina Taño e Manoel Silvestre Friques, apresenta uma experiência singular de interseção entre dois campos aparentemente distantes. Os autores argumentam que a engenharia, compreendida como um processo heurístico de transformação social, é, por si só, uma prática cultural. O curso de Engenharia de Produção com ênfase em Produção Cultural da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) materializa essa compreensão ao formar profissionais capazes de aplicar ferramentas da engenharia aos desafios da produção cultural, ao mesmo tempo em que promove uma reflexão sobre o que pode ser a engenharia no contexto brasileiro, para além de sua imagem hegemônica associada ao poder colonial e à tecnocracia.

Os dados sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso da ênfase em Produção Cultural revelam que cerca de 21% dos trabalhos se dedicam a temas inerentes à cultura, abrangendo setores como música, artes cênicas, audiovisual e moda, com abordagens que mobilizam análise de modelos de produção, gestão de projetos, cadeia de suprimentos e inovação. A presença significativa de mulheres tanto no corpo discente quanto entre os orientadores de trabalhos aponta para uma reconfiguração do perfil de gênero na engenharia, desafiando a imagem tradicionalmente masculina da profissão.

O texto "Contribuições e desafios dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia para a formação em organização da cultura", de Nara da Cunha Pessoa e Juliana Lopes da Silva, amplia o escopo da análise ao examinar a atuação dos Institutos Federais na formação em organização da cultura. As autoras argumentam que os IFs, especialmente aqueles dedicados aos eixos tecnológicos de Produção Cultural e Design, têm se constituído como espaços relevantes de formação, articulando ensino e extensão por meio de projetos como o Núcleo de Arte do IFRN e o Festival Recanto do Cinema do IFB.

As experiências relatadas evidenciam a potência formativa desses projetos, que

permitem aos estudantes vivenciar na prática as complexidades da produção cultural, desde a logística e o planejamento até a articulação com artistas e comunidades. Ao mesmo tempo, as autoras apontam limites significativos relacionados à ausência de políticas culturais institucionais, à precariedade dos recursos destinados às ações culturais e à falta de infraestrutura adequada. Essas lacunas revelam que, embora os IFs tenham contribuído para a expansão e diversificação da formação em organização da cultura, a institucionalização plena desse campo ainda enfrenta obstáculos estruturais.

Dois trabalhos do dossiê propõem perspectivas que desafiam os modelos hegemônicos de formação em organização da cultura, incorporando saberes tradicionalmente marginalizados e propondo novas epistemologias para o campo. O artigo "Perspectivas afrocentradas na organização da cultura: proposta teórico-conceitual para a formação em gestão cultural escrevivente", de Ana Muniz e Renata Rocha, introduz a noção de gestão escrevivente. Inspirado na escrevivência de Conceição Evaristo, fundamentada no ato de escrever a partir de um corpo que vive a experiência da negritude, o conceito propõe uma práxis em que a tomada de decisão, o desenho de métodos e a articulação de parcerias são orientados pela vivência concreta de mulheres negras, pela memória ancestral e pelo compromisso político com a soberania de suas comunidades.

A análise do programa Feira Preta Cria, braço formativo do ecossistema Feira Preta, evidencia a materialização dessa proposta. A metodologia do programa, estruturada em etapas que remetem ao curso das águas (nascente, fluxo, deságue), articula o fortalecimento subjetivo à dimensão econômica, reconhecendo a ancestralidade e a experiência interseccional como fontes legítimas de conhecimento. A análise das ações formativas revela a capilaridade territorial e a diversidade de setores atendidos, demonstrando como a gestão escrevivente opera como tecnologia de soberania para empreendedoras/es negras/os e indígenas.

O artigo "Entre conhecimentos tradicionais e acadêmicos: caminhos de pesquisa, formação e colaboração no Consórcio Universitário Cultura Viva", de Guilherme Varella, Maria Alice Gomes Alves e Luana Vilutis, examina uma experiência de articulação entre saberes acadêmicos e comunitários no âmbito da Política Nacional de Cultura Viva. O projeto 20 Anos de Cultura Viva: Pesquisa e Formação, desenvolvido pelo Consórcio Universitário Cultura Viva (UFBA, UFF, UFPR, em parceria com o MinC), adotou uma

metodologia de pesquisa-formação de matriz freiriana, que transforma agentes culturais em sujeitos do conhecimento e fortalece a cidadania cultural por meio do diálogo e da participação social ativa.

Três ações exemplificam essa abordagem: o Diagnóstico Econômico da Cultura Viva, que mobilizou 31 Pontões em 20 estados para a construção coletiva do instrumento de pesquisa; o Encontro Nacional Cultura Viva 20 Anos, que reuniu cerca de 700 participantes em um processo de escuta ativa e construção coletiva; e a Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS) Cultura Viva, que integra estudantes de diferentes cursos da UFBA em diálogo com mestras e mestres da cultura popular. Essas experiências demonstram a potência da extensão universitária como espaço de produção compartilhada de conhecimento e de fortalecimento de políticas culturais de base comunitária.

Por fim, o artigo "A Produção Cultural na Formação Artística: aportes teóricos para os diálogos curriculares entre Artes Cênicas, Audiovisual, Música e Artes Visuais", de Carla Daniela Rabelo Rodrigues, reflete sobre a presença da Produção Cultural nos currículos universitários das artes. Em diálogo com Paulo Freire e bell hooks, a autora argumenta que a formação não pode ser reduzida ao acúmulo de competências instrumentais, devendo constituir-se como exercício de construção do olhar, capaz de compreender a obra em sua completude estética e em sua existência social, política e material. A partir da perspectiva decolonial e do conceito de *triple construcción* em diálogo com a obra de Mariscal Orozco, a autora examina as especificidades de cada linguagem artística: nas artes cênicas, a gestão da transitoriedade; no audiovisual, a articulação entre dimensão industrial e narrativa; na música, a navegação entre tradição e novos modelos de circulação digital; nas artes visuais, a mediação entre o ateliê e o público. Integrada transversalmente a esses currículos, a formação em produção cultural pode atuar como resistência à precarização do trabalho artístico e como via de institucionalização da cultura como direito fundamental, nos termos dos arts. 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, fortalecendo as democracias culturais contemporâneas.

O dossiê que ora apresentamos oferece, portanto, um panorama abrangente e multifacetado da formação em organização da cultura no Brasil. Os oito trabalhos aqui reunidos, em suas diferentes abordagens e perspectivas, contribuem para o mapeamento de um campo marcado por sua expansão qualitativa e quantitativa, diversificação

institucional, inovação pedagógica e tensões.

Os textos evidenciam que a formação em organização da cultura no Brasil não pode ser compreendida como um fenômeno homogêneo ou linear. Ela é atravessada por tensões entre público e privado, atividades presenciais e a distância, bacharelado e tecnológico, formação crítica e formação instrumental. É marcada por experiências pioneiras e inovadoras, mas também por lacunas e desafios estruturais relacionados à institucionalização da cultura, à precarização do trabalho e à desigualdade regional.

Ao mesmo tempo, os trabalhos apontam para horizontes promissores. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão, a incorporação de saberes tradicionais e comunitários, o diálogo entre diferentes linguagens artísticas e campos do conhecimento, e o compromisso com a diversidade e a inclusão são vetores que têm potencial para reconfigurar o campo formativo, tornando-o mais plural e socialmente relevante.

Acreditamos que a contribuição central deste dossiê reside não apenas na sistematização de dados e análises sobre a formação em organização da cultura, mas também na explicitação das múltiplas possibilidades de conceber e praticar essa formação. Ao trazer para o centro do debate as experiências, os desafios e as perspectivas do campo, esperamos contribuir para o fortalecimento de uma área que se revela cada vez mais estratégica para o desenvolvimento cultural brasileiro.

Dado que a organização é imanente à dimensão sociológica da cultura, nos apoiamos em Rubim, Barbalho e Costa (2012) para reiterar que a formação dos profissionais que atuam nesse âmbito é condição para que a cultura possa se afirmar como direito, como prática de liberdade e como horizonte de transformação social. Que este dossiê possa ser um passo nessa direção.

Referências

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v.15, n.2, p. 73-83, abr./jun. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/spp/a/cf96yZJdTvZbrz8pbDQnDqk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 set. 2026.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX); FÓRUM DE GESTÃO CULTURAL DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORCULT). *A*

institucionalidade da cultura nas instituições públicas de ensino superior no Brasil: relatório da pesquisa Forproex e Forcult – 2023-2025. Belo Horizonte: UFMG, 2025.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre; COSTA, Leonardo. Formação em organização da cultura: a situação latino-americana. *PragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, Niterói, ano 2, n. 2, p. 125-149, 2012. Disponível em: https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10347. Acesso em: 23 set. 2026.